



**A RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA MILITAR
BRASILEIRA**

AUTORA: NAYARA CARLA DE ANDRADE

ORIENTADOR: PAULO VINICIUS SILVA DE SANTANA

CURSO: HISTÓRIA PERÍODO: 8º ÁREA DE PESQUISA: HISTÓRIA SOCIAL

O presente trabalho tem o intuito de demonstrar como eram os estudantes organizados pela UNE, UBEs e respectivas UEEs antes de abril de 1964, e o que se tornaram durante o regime militar, aos olhos dos militares que tomaram o poder eles eram um dos setores mais identificados com a esquerda. Iremos analisar o que foi o regime militar, a fim de demonstrar os motivos que levaram o movimento estudantil a ser caracterizado como uma baderna, e como foram levados à ilegalidade pela lei Suplicy de Lacerda. Além disto, analisaremos como este movimento se tornou uma resistência à ditadura militar, esta análise será dada através de pesquisas, assim como de entrevistas de pessoas que vivenciaram estes acontecimentos.

Palavras-chave: Ditadura, Movimento Estudantil, Resistência.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a resistência dos movimentos estudantis no período da Ditadura Militar brasileira, por meio de suas lutas e conquistas. Para isto, este trabalho buscará compreender como se deu a dinâmica da resistência estudantil que ocorreu durante a Ditadura Militar em nosso país, elucidando o que foi a ditadura e a resistência do movimento dos estudantes organizados nesse período. No decorrer do presente artigo pretende-se evidenciar um pouco do sofrimento e da luta em busca da democracia em um período onde a liberdade de expressão não existia.

Sabe-se que a lembrança deste período é difícil de ser retratada devido às suas nuances. Ainda assim através de perseguições, torturas e a falta de liberdade, ao contrário do que os governantes esperavam, fez cada vez mais crescer e fortalecer o movimento estudantil de que trata este trabalho. O que intentamos aqui é trazer a recuperação da memória para um melhor esclarecimento referente a este tão controverso período da História do Brasil. Nossos personagens, que apesar de lutarem pela liberdade, foram subjugados pelo sistema e para alguns, como consolo, apenas a memória referente aos justos. Nas palavras de Daniel Aarão Reis Filho:

Como se sabe em História, quando ainda se desenrolam os enfrentamentos nos terrenos de luta, ou mal se encerram o sangue ainda fresco dos feridos, e os mortos sem sepultura, já se desencadeiam as batalhas de memória. Nelas os vitoriosos no terreno haverão de se desdobrar para garantir os troféus conquistados. E a vitória que fora sua, no campo de luta, poderão perdê-la na memória da sociedade que imaginavam subjugada (REIS FILHO, 2004, p.30).

Pensando nesse contexto, e analisando a questão da resistência dos movimentos estudantis organizados no período a ser estudado, este trabalho visa responder: o movimento estudantil se configurou enquanto resistência democrática e entidade organizada durante a Ditadura Militar? Para responder esse problema o presente trabalho terá como objetivo geral entender como o movimento estudantil representou uma das mais importantes frentes de resistência à Ditadura Militar Brasileira, por meio de sua organização e mecanismos que uniam a classe em torno de um só objetivo: o retorno da democracia. Como objetivos específicos, tem-se: analisar o que foi o movimento estudantil e sua memória no período da Ditadura Militar Brasileira, por meio de uma análise bibliográfica; entender como a historiografia brasileira explicou a opressão por parte do Regime Militar em relação ao movimento estudantil e compreender como o movimento se consolidou em meio à perseguição sofrida durante o Regime Militar.

Este trabalho buscará apontar também como a Ditadura Militar foi danosa para o desenvolvimento social de nosso país, no que tange a construção de uma sociedade democrática, que respeita as diferenças e que constrói um ambiente saudável de discussão.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

2.1.1 Precedentes da ditadura

O Regime militar foi uma época onde a política brasileira foi conduzida por militares. Esse período ficou marcado na história brasileira pela prática de vários Atos Institucionais, que davam espaço a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar.

O senhor presidente da República deixou a sede do governo, deixou a nação acéfala numa hora gravíssima da vida brasileira em que é mister que o chefe de Estado permaneça à frente do seu governo [...] está acefalia configura a necessidade do Congresso Nacional, como poder civil, imediatamente tomar a atitude que lhe cabe (BANQUIERI, 2011, s. p.).

Estas são as palavras de Auro Moura de Andrade, presidente do Senado em 1964, que mesmo sabendo que Jango estava no Brasil, resolveu declarar vaga a presidência, e desta forma dar início ao Golpe de 1964, e, por conseguinte a ditadura militar.

A ditadura militar teve início no Golpe de 64, que começou no governo de Jânio Quadros e seu Vice João Goulart, conhecido como Jango, onde em 1961 Jânio renúncia e seu vice é impedido de ocupar o cargo, pois setores do governo eram contra a sua posse, Jango como ficou conhecido era visto por esses setores da direita como “comunista”, além de ser considerado um herdeiro de Vargas.

A fracassada tentativa de golpe de Jânio Quadros com o intuito de fechar o congresso no qual lhe fazia oposição, através de sua inesperada renúncia, possibilitou a João Goulart assumir a presidência legalmente em 1963, embora a renúncia de Jânio Quadros tenha acontecido em 1961.

Nas palavras de Caio Narro de Toledo:

Não indo o povo nas ruas para exigir dos militares a volta do renunciante, o golpe se frustrou. A emenda parlamentarista, imposta ao Congresso Nacional pela junta militar, pode ser interpretada como um “golpe branco”. O congresso, acuado e ameaçado pela espada, reformou a constituição sob um clima pré-insurrecional, contrariando, assim, dispositivo constitucional da Carta de 1946. (TOLEDO, 2004 p. 68 e 69).

João Goulart assume a presidência do país em um período muito complicado no qual se instaurava uma intensa crise econômica e política. Para a direita brasileira a visão que tinham de Goulart era de que ele era um reformista e nunca discursou sobre uma revolução social. Pois Jango tinha um projeto as Reformas de Base, sendo seu carro chefe a Reforma Agrária. Apesar de seu governo não ser somente para os trabalhadores, seu governo também assume uma política de conciliação de ambos os lados, tanto da direita quanto a de esquerda.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, com base na doutrina de Figueiredo:

A crescente deterioração do quadro político e econômico, ao longo de 1963, colocou Goulart em posição muito difícil. O presidente não conseguia contornar os problemas econômicos, cada vez mais graves, e via a situação política fugir-lhe inteiramente do controle. A polarização inviabilizou as negociações para a aprovação das

“reformas de base” no Congresso, especialmente a agrária. (FIGUEIREIDO *apud* MOTTA, 2002, p.257).

O governo Jango que era sustentado pelas Reformas de Base, chega a seu estopim que seria a Reforma Agrária, considerada a reforma que deu início ao golpe militar, com isso as articulações políticas que existiam se espalhou como a frente nacionalista e de esquerda que sustentava o governo de João Goulart dando o fim do seu governo.

Nas palavras de Maria Paula Araújo:

O governo Jango empurrado pela frente política que se condensava em torno da campanha pelas reformas de base, tocou, portanto, num ponto crucial: a reforma agrária. Esse ponto foi à principal motivação para a articulação de uma reação política que derrubou o governo e desbaratou a frente nacionalista e de esquerda que o sustentava (ARAÚJO, 2007, p 139).

A queda de João Goulart já era anunciada, e quando acontece o Comício Central do Brasil, a oposição e mesmo os que o apoiavam, tiveram em si um sentimento de medo e preocupação. Nas palavras de Araújo (2007, p.139), “Esse comício também estimulou o medo da classe média, e fez recrudescer o sentimento anticomunista que havia em parte da sociedade”.

Nos dias que precederam o golpe foram divulgadas notas que chamaram o povo a uma mobilização geral contra o revés, a favor e em prol da liberdade democrática, mas essas convocações de nada valeram. Sendo assim, em 31 de março para 1º de abril de 1964 o golpe se concretizou, não sendo uma revolução como muitos imaginavam que seria, mas sim um golpe civil-militar que afetaria diretamente a democracia brasileira.

No dia 1º de abril de 1964, o golpe militar mostrou, instantaneamente, a sua indisposição com os estudantes. Destituído o governo legal, a UNE foi invadida, saqueada e queimada num paroxismo de ódio que escapa ao terreno puramente político para cair na esfera psiquiátrica. A ditadura, impondo ao país um curso de desenvolvimento em que todos os aspectos da vida nacional se subordinam aos interesses de outra nação (cf. Ministro Juraci Magalhães, o que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil), não poderia deixar de ter seu pensamento quanto à universidade e ao estudantado. (Jornal do Brasil, 06/11/1966. *Apud* POERNER, 1979, p. 219).

Esta declaração nos mostra qual era a intenção militar com seu “governo”, a indisposição a qualquer movimento marcava o slogan, cujo os estudantes viveram em prol da continuidade de liberdade democrática e de conquistas.

A primeira ação da ditadura civil-militar brasileira ao tomar o poder em 1964 e depor o presidente João Goulart foi metralhar e incendiar a sede da UNE, na Praia do Flamengo, nº. 132, na fatídica noite de 31 de março para 1º de abril. Ficava clara a dimensão do incômodo que os militares e conservadores sentiam em relação à entidade. A ditadura perseguiu, prendeu, torturou e executou centenas de brasileiros, muitos deles estudantes.

2.1.2 Movimento estudantil: Breve Histórico

O Movimento Estudantil tem seu início um pouco confuso e conturbado quanto à definição de datas de sua fundação e criação e inicialmente tinha como interesse a discussão de assuntos não partidários, mas como sabemos, todo movimento tem o seu lado político, e o Movimento Estudantil tinham seus objetivos específicos no que se tratava da causa dos estudantes e buscava uma causa justa. Segundo Araújo (2007, p.24), “O projeto de criação de uma União Nacional dos Estudantes, as vésperas do Estado Novo e sob a chancela do Ministério da Educação, tinha o propósito de organizar nacionalmente e submeter politicamente a força deste segmento social que começava a se expandir”.

Como todo movimento tem sua dificuldade de se organizar no início, com o Movimento Estudantil não seria diferente, e contrário do que havia acontecido no I Congresso da UNE em 1937, no qual os estudantes não se fazem presentes com um número considerável para que tivesse visibilidade, os estudantes viram a necessidade de se unirem e no II Congresso da UNE que aconteceu em 1938 compareceram em massa e demonstraram estar dispostos a participar e estruturar a organização.

Segundo Maria Paula Araújo:

Ao contrário do Conselho anterior, nesse os estudantes demonstraram claramente sua disposição de participar do debate dos grandes temas nacionais, evidenciando a dimensão política do evento. No encerramento do congresso elegeu-se uma diretoria com o compromisso expressamente político. Nascia assim a União Nacional dos Estudantes, combativa e politicamente atuante. (ARAUJO, 2007, p.27).

A história do Movimento Estudantil se expande pelo fato de ser uma das maiores e uma das únicas instituições a conseguir se manter organizada em todo o período da ditadura militar. Primeiro passa-se por um processo de legalidade antes do golpe de 1964 e a campanha de legalidade, no qual garantiu a posse de Jango, sendo este o papel da UNE nas reformas de Base, onde se teve o início das caravanas dos estudantes, que percorrendo as grandes universidades da época pode ter um debate sobre as reformas que estavam para acontecer, sendo uma dessas reformas a universitária. No entanto, a UNE, enquanto movimento de resistência no período da ditadura, de todos os movimentos que se sentiram reprimidos no período, foi o único a conseguir se reorganizar e atuar em várias frentes, tanto na parte da guerrilha, na resistência armada, quanto na resistência intelectual, através de manifestações e organizações nas bases, com apoio de alguns setores como a igreja.

Foram mantidas as lutas pelas mudanças no âmbito educacional, mas sem as manifestações de rua; eram poucos os que se aventuravam em empreitadas diretas com a polícia, ficando a luta contra a ditadura restrita ao debate e à publicação de panfletos informativos e de oposição ao regime. (SANTOS, p.106)

O primeiro ato do golpe foi incendiar a sede da UNE, prender toda a diretoria e retirar sua legalidade através da Lei Suplício de Lacerda, e assim a mesma passou a existir como uma oposição ao regime.



Figura 1: Prédio da UNE sendo incendiado. (ACERVO INFOGLOBO)

Segundo Angélica Muller e Tatiana Matos Rezende “a sede da União Nacional dos Estudantes foi alvo de mais um atentado brutal que culminou na sua depredação e em incêndio pelas forças direitistas que apoiavam a derrubada do presidente João Goulart e a instauração do novo regime.” (MULLER; REZENDE, 2011, p.58)

Além de ser a primeira a sofrer com os ataques da ditadura a UNE também foi à última, pois antes do fim do regime militar, que perdurou por 21 anos, a sede da UNE que se encontrava localizava na Praia do Flamengo foi derrubada com o intuito de impedir que o movimento estudantil voltasse a se organizar, uma vez que não teria seu espaço de luta.

De certo modo, a revolução havia ficado em segundo plano para os estudantes, pois o importante naquele momento era primeiramente reconstruir o ME e as entidades como UNE e as UEEs (União Estadual de Estudantes), (SANTOS, p.106).

2.1.3 Opressões na Ditadura Militar

Uma das maiores opressões que aconteceram no período da Ditadura Militar Brasileira, foi à censura, na qual a imprensa, artistas e estudantes eram impedidos à liberdade de expressão. A imprensa só podia falar o que o governo a deixasse falar, os artistas eram proibidos de se apresentar em teatros e em espaços que os militares achavam que não deveriam se apresentar, os estudantes sofriam por ser militantes, e os professores impedidos de falar o que realmente estava acontecendo em meio a todo o caos gerado pela ditadura.

Com a censura que a mídia e os artistas vinham sofrendo, além das torturas, um ambiente de medo e o exílio, relatos e depoimentos contam que em determinados horários se um cidadão estivesse na rua e os militares o achasse suspeito começava a perseguição, sem se quer saber o motivo. A opressão era muito grande uma liberdade que não existia.

Depois do AI-5 todos os direitos constitucionais, inclusive o direito de saber do que está sendo acusado, o direito à defesa, que é considerado uma base da democracia fora suprimido. Com a constituição sendo praticamente rasgada, pois matavam, torturavam, sumiam com pessoas, tudo no meio dessa repressão enfraquecia o movimento das organizações revolucionárias, pois com a ditadura era difícil as manifestações de rua, o debate de igual com os que estavam no poder era uma coisa que não existia.

Foi quando estudantes e artistas engrossaram a passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, pedindo democracia, liberdade e justiça. No entanto, os militares endureciam a repressão em episódios como o assassinato do estudante secundarista Édson Luis e a invasão do Congresso da UNE em Ibiúna (SP), com a prisão de cerca de mil estudantes. No fim do mesmo ano, a proclamação do Ato Institucional número 5 (AI-5) indicava uma violência ainda maior. (TADA, 2015, s. p.).

AI-5 (Ato Institucional nº 5) foi um instrumento utilizado pelos militares como um mecanismo legal autoritário para que pudesse fortalecer a ditadura, que vinha perdendo forças, pois só com a violência que de certa forma para alguns era encoberta, essa crueldade já não bastava para eles. O AI-5 foi para muitos um golpe dentro do golpe, dava aos militares ainda mais poder, o poder de usar ainda mais a violência que já não continha as manifestações, e isso trazia a eles uma preocupação, tendo assim a ditadura sua própria constituição.

Segundo Maria Paula Araújo:

No Rio de Janeiro, pelo menos, as manifestações passaram a ser reprimidas a bala, o que representava uma enorme diferença em relação ao primeiro semestre. Mas o ponto da virada só ocorreu, realmente, com o AI-5. Na opinião de Franklin Martins, o AI-5 foi um instrumento necessário para a ditadura porque ela estava começando a perder o apoio que tivera em 1964. Ela não conseguia mais conter a oposição usando, simplesmente, de mais violência e precisou de um mecanismo legal autoritário (ARAUJO, Maria Paula, 2007, p.189).

2.1.4 A luta pela democracia: Perseguição ao movimento Estudantil durante a Ditadura Militar

No ano de 1968 o Brasil passa por um período de protestos e manifestações contra a ditadura militar, que foi muito danoso para nosso processo de democratização. Nesse mesmo ano o movimento é marcado pela morte do estudante Edson Luis. Antes da morte do estudante as manifestações eram de cunho pacífico, e os estudantes se organizavam de forma que os policiais tinham dificuldades em localizar e chegar aos lugares de manifestações.

O intuito das manifestações era político, contra a ditadura, mas sem violência.

No livro Memórias Estudantis de Maria Paula Araújo se encontra o depoimento de Vladimir Pereira onde relembra a emoção que foi o enterro do estudante que protestava contra o fechamento de um restaurante universitário.

Uma primeira vítima mortal. Nós já tínhamos dito que um dia ia morrer estudante, sabíamos que ia morrer. Havia uma fronteira policial, e até onde ela chegaria? Um dia chega isso. Foi um clima de grande indignação. Esse era o clima predominante da Assembléia. Nós passamos a noite na Assembléia e, no dia seguinte, foram os momentos mais bonitos do enterro de Edson Luis, quando começaram a chegar aqueles colégios de padres e de freiras, que eram colunas de padres e de freiras e os jovens secundaristas para visitar. Lançaram aquela palavra de ordem “Podia ser um filho seu”, que foi uma palavra de ordem notável, que também não foi uma liderança que criou. Aquilo foi uma criação coletiva. Fizeram uma faixa o pessoal gritava, foi criado aquele tom. Aquela manifestação impressionante, popular. (ARAUJO, Maria Paula, 2007, p. 191)



Figura 2: Estudantes velam corpo de Edson Luis, Revista Manchete, em março 1968 (ACERVO ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA)

O período foi marcado por manifestações e os estudantes depois da morte de Edson Luis começam a usar de violência e artefatos para enfrentar a polícia que usava de sua truculência contra os mesmos. Em um dia era o massacre dos policiais e no outro da organização do movimento. As manifestações começam a ser apoiadas por diversos setores da sociedade, mas infelizmente mais jovens morreram. Com isso, todo o período de ditadura militar afetou diretamente nosso processo de democratização, nos trazendo um grande prejuízo marcado na história do nosso país.

Noutros tempos, o Rio de Janeiro foi capaz de parar em uma sexta feira para que pudessem enterrar o corpo de um jovem desconhecido que levou cerca de 50 mil pessoas ao cemitério São João Batista, como relata no livro 1968: O ano que não terminou de Zuenir Ventura, a morte aqui é tanta que nem poderia comparar

com o Nordeste, nos leva a perceber que a crise que instaurava no país levou o povo a indignação, como levou na sexta-feira, 29.

Os jovens indignavam-se com a morte de Edson Luis Lima Souto e viviam sob a sombra do medo do que estava ainda por vir, pois em tempos de ditadura um jovem que era morto pela Polícia, seu corpo desaparecia sem ao menos a família saber seu paradeiro e ainda poder fazer um enterro digno. Mas isso não aconteceria com o corpo do jovem que teria vindo do interior para estudar e se quer teria dinheiro para almoçar. Os jovens militantes não iriam deixar isso acontecer, pois já estavam fartos de tanta violência. Nas palavras de Vladimir Palmeira:

Agora, “como a morte aqui é tanta” _ poderia dizer João Cabral de Melo Neto, sem pensar apenas no Nordeste. Em 68 a morte de alguém, mesmo a de um jovem desconhecido, podia levar o país a uma crise e o povo a indignação, como levou naquela sexta-feira, 29, em que quase 50 mil pessoas acompanharam o corpo de Edson Luís Lima Souto ao cemitério São João Batista. (PEREIRA, 2008, p.93).

Durante todo o velório de Edson Luís na Assembléia Legislativa, discursos indignados e pedidos de justiça eram realizados por estudantes, intelectuais e artistas que lotaram o saguão da Assembléia. Sim, a morte de Edson Luís marcou um período da ditadura militar e encorajou ainda mais a juventude que lutava por mais justiça pra esse país. Segundo PEREIRA (2008, p. 99), “Ele não tinha nenhum dos componentes míticos para sonhar em ser o que acabou sendo: um mártir”.

Só vos peço uma coisa: se sobreviverdes a esta época, não vos esqueçais! Não vos esqueçais nem dos bons, nem dos maus. Juntai com paciência as testemunhas daqueles que tombaram por eles e por vós. Um belo dia, hoje será o passado, e falarão numa grande época e nos heróis anônimos que criaram a História. Gostaria que todo mundo soubesse que não há heróis anônimos. Eles eram pessoas, e tinham nomes, tinham rostos, desejos e esperanças, e a dor do último de entre os últimos não era menor do que a dor do primeiro, cujo nome há de ficar. Queria que todos esses vos fossem tão próximos como pessoas que tivésseis conhecido como membros da vossa família, como vós mesmos. (FUCHIK *apud* MACARINI, 2011, s. p.).

Na História nem sempre certos acontecimentos é proporcional a importância que as pessoas dão a elas, assim como no caso de Edson Luís, um jovem que sem nenhuma pretensão marcou a história da juventude durante o período da ditadura militar, em textos referenciados fala que, desde a morte de Getúlio Vargas não houve no Brasil uma homenagem de tanta grandeza como foi a de um jovem morto na ditadura militar em um restaurante no calabouço em meio às manifestações e resistências. Segundo Vladimir Pereira.

A repercussão de certos acontecimentos políticos nem sempre é proporcional a importância dos atores neles envolvidos. O episódio do Calabouço, que desencadeou uma série de manifestações de protesto que iriam culminar com a lendária Passeata dos 100 Mil, três meses depois, ficou na História como um marco. (PEREIRA, 2008, p. 100).

Esse fora o primeiro acontecimento que sensibilizou a todos para a luta estudantil, levantando forças para o movimento, fazendo com que a UNE pudesse ganhar ainda mais força em todo o país, a juventude era ouvida e ganhava visibilidade, pedindo justiça e igualdade para todos.

2.1.5 Entrevistas

Situação no momento do golpe, perseguições, engajamento político posterior a redemocratização.

Nos relatos de Dilma Rousseff em entrevistas dadas a canais de TV e internet ela fala sobre momentos complicados em que viveu no período da ditadura militar brasileira. A TV Senado, quando Dilma era Ministra de Estado da Casa Civil, registrou trecho que hoje é disponibilizado na internet, onde ela fala que “qualquer comparação entre a ditadura militar e a democracia brasileira, só pode partir de quem não dá valor a democracia brasileira, eu tinha 19 anos, fiquei 3ano na cadeia e fui barbaramente torturada, e qualquer pessoa que ousar falar a verdade para interrogadores compromete a vida de seus iguais, entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido, por que mentir na tortura, não é fácil, agora na democracia se fala a verdade, diante da tortura quem tem coragem e dignidade fala a mentira, e isso faz parte e integra a minha biografia, que tenho um imenso orgulho, e não estou falando de heróis, pois feliz o povo que não tem heróis desse tipo, por que aguentar a tortura e algo difícilimo, por que todos nós somos muito frágeis, todos nós somos humanos, nós temos dor e a sedução a tentação de falar o que ocorreu e dizer a verdade é muito grande, a dor ela é insuportável, você não imagina o quanto é insuportável, então eu me orgulho de ter mentido, eu me orgulho imensamente, eu salvei companheiros da mesma tortura e da morte, não tenho nenhum compromisso com a ditadura em termo de dizer a verdade, eu estava num campo eles estavam em outro, o que estava em questão era minha vida e de meus companheiros, e esse país que transitou por tudo isso que transitou, que construiu a democracia que permite que hoje eu esteja aqui, que permite que esteja aqui, não tem a menor similaridade, pois esse dialogo aqui é um diálogo democrático, a oposição pode me fazer perguntas que eu vou responder, nós estamos em igualdade de condições”

Na entrevista para Conexão Repórter do canal de televisão, conta sobre a posterior carreira de Dilma Rousseff, após três anos de prisão em meio a torturas e sofrimentos, com seu recomeço em Porto Alegre. Ela deixou a luta contra a repressão sofrida na ditadura militar e ficou ao lado de seu marido preso em uma cadeia, e assim ela começa a estudar Economia e participa da fundação do PDT Gaucho, e logo após se torna mãe.

O seu engajamento no poder público inicia se nos anos de 1980 e começa assim a ocupar cargos públicos como na Secretaria de Fazenda de Porto Alegre, e nos anos 90 assume a Secretaria de Minas, Energia e Comunicação do Estado, logo depois entra para o Partido dos Trabalhadores e com o seu engajamento chama a atenção, tornando se assim Ministra de Minas e Energia da Casa Civil, e sua influência aumentando cada vez mais com destaques de seu trabalho até se tornar presidente do Brasil em 2010, sendo reeleita em 2014 e em 2016 sofre o impeachment, considerado por alguns um novo golpe.

RELATOS JOSÉ SERRA - EX-PRESIDENTE DA UNE

José Serra em entrevista ao canal da UNIVESP, localizado no You-Tube relata alguns pontos que enfrentou no período da ditadura militar. Serra, no período de resistência era presidente da UM, um dos maiores movimentos do período e no momento do golpe já se encontrava como o líder do movimento.

Serra no momento da entrevista deixa claro que é um perigo brincar com a democracia:

“A UNE era uma entidade bem forte, pois as características do ensino superior nessa época eram um pouco diferentes de hoje em dia, 1% da juventude no Brasil tinha a idade para cursar o ensino superior”. Ele relata que era uma minoria, mas uma minoria que era muito politizada e que era mais fácil de organizar era mais homogênea e o ensino privado no Brasil era pouco com isso era mais fácil sua mobilização e sua organização. Serra também explica que “A UNE hoje é uma entidade muito mais fraca que nos tempos de ditadura, considerando a realidade estudantil, pois hoje se tem um número muito mais alto de estudantes universitários, o ensino privado predomina, a correria de hoje que muitos estudam e trabalham, sendo assim o movimento estudantil era muito mais politizado que hoje, sem dúvidas”.

Serra era estudante de Engenharia da Politécnica, lugar onde também se fazia política, principalmente questões relacionadas à reforma universitária.

Nessa luta ele acaba se tornando presidente da UEE (União Estadual dos Estudantes) entidade de muita força no estado de São Paulo, e logo após, se tornou presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes).

Serra conta “Que o golpe foi um processo de muita radicalização, a partir da renúncia de Jânio Quadros, e com isso o processo tem mudanças, à esquerda porque ganhou confiança e a direita porque realmente estava desesperada e por todos os outros lados tinha uma grande crise econômica”. Contudo, Serra levanta algumas bandeiras no congresso para Jango, no qual ele adotou algumas, como a de mais vagas nas universidades, e então o aumento foi muito grande e isso aconteceu ainda na gestão de Jose Serra. Ainda, “Outra coisa muito boa foi à bandeira da alfabetização que também foi aprovada”.

Uma das falas mais interessantes em seu relato é que o primeiro requisito para a liberdade é o conhecimento, pois você só exerce a liberdade se tiver o conhecimento.

As manifestações dos estudantes era algo organizado, orientados por educadores utilizando, por exemplo, a metodologia de Paulo Freire.

Serra aos 20 anos de idade ia as universidades debater sobre política sobre o Brasil, e em seu depoimento o ex-presidente da une relata que havia muita violência, “inclusive violência,mas violência da direita, tem um mito de que a esquerda antes de 64 apelava para a violência, é mito completo, imagina eu era presidente da UNE se algum lugar fosse falar de luta armada, planejada esse lugar seria a UNE, e não tinha nada disso, mas a direita já fazia atentados,fez e fazia inclusive nas entidades estudantis, inclusive na UNE, no congresso que eu fui eleito,eram grupos tropas paramilitar já” . Após toda sua militância no Movimento Estudantil, José Serra depois de se exilar volta ao Brasil e começa a trabalhar na Universidade Estadual de Campinas, logo depois é nomeado como secretario de planejamento de São Paulo, em seguida é nomeado a Ministro da Saúde, em 2004 se torna prefeito de São Paulo, em 2006 renuncia para concorrer a governador do Estado e em 2010 lança sua candidatura pela segunda vez para a presidência da

Republica na qual Dilma Roussef foi eleita, e em 2014 vence a eleição como senador.

2.2 Metodologia

O método de pesquisa a ser utilizado no presente de trabalho é através da pesquisa descritiva, onde será elaborado estudo de todo o conteúdo destacado acerca do tema escolhido: A resistência do movimento estudantil na ditadura militar brasileira, com suas lutas e conquistas e a dificuldade de democratização do povo brasileiro.

Sendo que as técnicas para o desenvolvimento será através de levantamentos de dados, conceitos, pesquisa documental e diálogo entre livros e artigos que remetem ao mesmo tema, podendo ser analisados as variantes nos campos da historiografia e da memória, seja ela individual, seja ela coletiva, podendo ser usado o modo de organização como a definição inicial de uma linha de argumentação.

Logo após organizar as bibliografias a serem utilizadas no trabalho, considerando assim a ser um trabalho ligado a História social, podemos relatar as resistências e mostrar que um povo que se organiza consegue voz para que possa debater de igual com os que estão no poder, pois o povo é a maioria, se unidos estiverem, às coisas em favor dos que acham ser minoria acontecem.

O modo de pesquisa utilizada no presente trabalho é a pesquisa qualitativa, pois busca uma compreensão de um grupo social, suas organizações e etc... ao contrário da pesquisa quantitativa, que se preocupa com as representatividades numéricas.

Pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização e etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (GERHADT, SILVEIRA, 2009, p.31).

Os elementos usados para que esse trabalho possa ser desenvolvido são pesquisas em livros, sites, artigos entre outras buscas de pesquisa que possam conversar com o tema proposto e o bom desenvolvimento do trabalho e conhecimento da História.

3. CONCLUSÃO

O presente trabalho possui o intuito de demonstrar para a sociedade o que foi a resistência estudantil durante a Ditadura Militar, como se deu seu início, bem como o que foi o regime militar. Ao fim deste, podemos concluir que o nosso objetivo foi alcançado, visto que através do depoimento de dois grandes personagens deste período podemos esclarecer o que foi a ditadura militar e seu processo de democratização, além de esclarecermos pontos sobre o movimento estudantil nesta época.

Sendo assim, constatamos que o Movimento Estudantil se manteve estruturado, através de manifestações e organização popular, em um momento onde a censura era tanta que qualquer pessoa que contrariasse quem estava no poder poderia ser torturada ou até mesmo morta, e, ainda assim esse movimento não desistiu da sua luta até a obtenção de suas conquistas.

Nota-se que objetivo da pesquisa foi alcançado, visto que pode nos mostrar quão forte é a união da massa, uma vez que quando o povo se une em um só propósito, em busca de lutas sociais e reformas que irão beneficiar o povo, o movimento se torna cada vez mais forte, como foi citado no texto sobre a morte de um estudante que era desconhecido e não tinha nenhuma pretensão de qualquer cargo político, comovendo a população sobre a impunidade, demonstrando a força que tem o povo.

Quando buscamos a compreensão sobre o que foi o movimento estudantil como resistência, observamos as diversas dificuldades encontradas pelos estudantes, uma vez que tinham como objetivo principal a redemocratização do Brasil e a concretização das reformas universitárias enfrentaram muitas perdas que hoje tornariam a história diferente. Por exemplo, quando hoje se fala em restabelecer um novo ato inconstitucional, tema que também foi citado durante o trabalho, percebemos que nem toda a sociedade compreendeu o que foi esse período tão conturbado da história do nosso país, precisaram morrer vários inocentes para que algo pudesse acontecer em nosso país hoje, para quem compreende a história, um novo ato inconstitucional seria claramente um retrocesso para a democracia.

Durante o trabalho não foram encontradas dificuldades para realização de pesquisas, busca por fontes, visto que este tema é bem retrato atualmente, bem como é de suma importância para a história brasileira.

4. REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Paula. **Memórias Estudantis: Da Fundação da Une aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações, 2007.

BANQUIERI, Rogerio. **O golpe em 33 dias**. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/linha-do-tempo-33-dias-do-golpe/platb/> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

Ditadura Militar no Brasil em Só História. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2019. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Correa, FERREIRA Denise Tolfa (Org.). **Metodos de Pesquisa: UFRGS**, 2009.

JORNAL DO BRASIL. **A verdade do movimento estudantil**. Apud. POERNER, A. J. O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MACARINI, Eliane. **Presos pela dor: na ditadura da ignorância**. Rio de Janeiro. Editora Bibliomundi, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=IGSqDwAAQBAJ&pg=PT220&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false Acesso em: 20 de novembro de 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o Perigo Vermelho**. São Paulo. Perspectiva, 2002.

MULLER, Angélica. **Praia do Flamengo**. In: REZENDE, Tatiana Matos, Rio de Janeiro.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 Anos do Golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SANTOS, Jordana de Souza. **Projeto de Pesquisa: O Movimento Estudantil nos anos 70: ações e concepções**. 2009 Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf>. Acesso em: 08 de novembro de 2019.

TADA, Cristiane. **A UNE no combate à ditadura**, 2015. Disponível em: <https://une.org.br/noticias/a-une-no-combate-a-ditadura/> Acesso em 20 de novembro de 2019.

TOLEDO, Caio Narravo. **O golpe e a Ditadura Militar 40 anos depois**. Rio de Janeiro 2014.

ENTREVISTAS:

ANTONIO, Célio. **Dilma Rousseff falando sobre as torturas que sofreu durante a ditadura militar**; publicado em 31 de mar de 2019; disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=psHtoVMFD28>; acesso em 08 de nov de 2019.

UNIVESP. **1964: ENTREVISTAS UNIVESP**, 2014. (40h13min) Disponível em: <https://www.youtube.com/results?searchquery=1964+entrevistas+Jose+Serra>. Acesso em: 08 nov. 2019.

UNIVESP. **1964: ENTREVISTAS UNIVESP**, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?searchquery=1964+entrevistas+Jose+Serra>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CONEXÃO REPORTER. **Conexão Reporter-crepusculo no Alvorada**; publicado em: 22 de agosto de 2016; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wI7SCn4JWp4>. Acesso em 08 nov 2019.